

## A POMBA-GIRA NO IMAGINÁRIO DAS PROSTITUTAS<sup>1</sup>

Francisco Gleidson Vieira dos Santos<sup>2</sup>  
Simone Simões Ferreira Soares<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca compreender como se dá a relação da prostituta com a Pomba-Gira, entidade do panteão umbandista que subverte a ordem pela livre manifestação do poder genital feminino (Augras: 1989). Para tanto, foi investigada a Pomba-Gira no imaginário das prostitutas, procurando compreender qual representação em nível imagético e os usos correntes que as prostitutas fazem da referida entidade.

**Palavras-chave:** Umbanda; Pomba-Gira; Prostitutas; Imaginário.

### ABSTRACT

The present article searches to understand as if it gives the relation of the prostitute with Pomba-Gira, entity of the Umbanda that subvert the order for the free manifestation of the feminine genital power. For in such a way, Pomba-Gira in the imaginary of the prostitutes was investigated, having looked for to understand the imaginary and current uses the prostitutes was a make of cited entity.

**Key-word:** Umbanda; Pomba-Gira; Prostitutes; Imaginary.

### Exu-Mulher

Não é privilegio da nossa cultura a ligação de uma divindade feminina à Prostituição<sup>4</sup>. Afrodite, a deusa grega do amor, conhecida e cultuada pelos seus dotes de

<sup>1</sup> Parte da monografia, apresentada à Universidade Estadual Vale do Acaraú, para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

<sup>2</sup> Cientista Social, especialista em Educação Comunitária em Saúde.

<sup>3</sup> Doutora em Antropologia, professora Associada I do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará.

<sup>4</sup> Em as Prostitutas na História Nickie Roberts nos diz que a Prostituição tem origem no culto pré-histórico à deus Instar, quando numa sociedade matrifocal, em que as mulheres representavam a força geradora da vida, eram a própria encarnação da divindade. Através de rituais sexuais – bacanaís – as mulheres eram o elo de ligação entre o homem, a comunidade e a deusa. Com o advento das sociedades masculinas, em torno de 3000 a.c. tribos guerreiras nômades começaram a invadir as sociedades matrifocais, subjugando - as e sujeitando-as ao poder masculino. É neste contexto que surgem as primeiras civilizações na mesopotâmia. Com o advento do poder masculino, sacerdotes e deuses homens foram instituídos e o culto à deusa, agora em templos, ao longo do tempo suprimido. Segundo a autora, a Prostituição sagrada constituiu-se na resistência da tradição dos rituais sexuais, desde a idade média para tornar-se “parte integral da adoração religiosa nas primeiras

beleza, possuindo referências mais terrena pelos gregos antigos, era conhecida em Siracusa como Afrodite das Belas Nádegas, em Atenas como Afrodite a Cortesã, bem como em diferentes épocas e lugares conhecida como: Afrodite do buraco ou da copulação, Afrodite que cavalga Astride, que se abre, a prostituta. Vênus, a versão romana da deusa do amor e da beleza, era considerada a protetora das prostitutas. Em sua concepção como tal era conhecida como Vênus Volgívava, e seu festival era realizado anualmente em 23 de abril, comemorado por prostitutas e prostitutas<sup>5</sup> (Roberts: 1998). Oba, divindade guerreira, protetora das prostitutas na África, sincretizado com nossa senhora dos prazeres em Recife e Alagoas<sup>6</sup>. Sem deixar de mencionar o caso clássico de Maria Madalena, que de acordo com a imagem cristã da sexualidade – suja e degradada – arrepende-se pelos seus pecados ligados à carne e torna-se a protetora das prostitutas.

No Brasil, encontramos as Pombas-Giras. Exus femininos do panteão umbandista que se caracterizam pelos seus atributos “ligados” à sexualidade e à Prostituição: luxúria, desejos carnavais, lascívia, vida sexual desregrada, desordem, escândalo, oriundos, assim como no caso dos Exus, de suas vidas na terra em que foram prostitutas, cortesãs, mulheres de baixos princípios. Diferentes de Maria Madalena que se caracteriza pelo arrependimento, as Pombas-Giras quando incorporadas nos médiuns fazem apologia à Prostituição. Nos rituais em que “o povo da rua” possui papel de destaque, logo após a incorporação dos Exus masculinos elas transformam-se em protagonistas da festa, podendo ser observado um ritual que celebra a força da mulher sexualmente ativa, do poder de manipular o mundo em seus mais variados aspectos através de estratégias ligadas ao “poder genital feminino”.

Para Monique Augras, a Pomba-Gira é pura criação brasileira, tendo surgido a partir de um processo de destituição das características sexuais de Iemanjá, sincretizada com a **Imaculada** Conceição, canalizadas para nossa personagem:

a Umbanda, parece ter promovido, em torno da figura de Iemanjá, um esvaziamento quase total do conteúdo sexual. Tal sublimação (ou

---

civilizações do mundo”. É nesse período, em torno do segundo milênio a.c. que a Prostituição sagrada se torna visível e tem os seus primeiros registros na escrita. (1998: 19-30)

<sup>5</sup> Sobre as deusas Afrodite e Vênus e suas ligação à Prostituição ver Nickie Roberts – As prostitutas na História, capítulos II e III.

<sup>6</sup> Bastide – As Religiões Africanas no Brasil – segundo volume. 1971. pág 363 e 360.

repressão?) deu ensejo ao surgimento de nova entidade, pura criação brasileira, a Pomba Gira, síntese dos aspectos mais escandalosos que pode expressar a livre expressão da sexualidade feminina, aos olhos de uma sociedade ainda dominada por valores patriarcais (1989; 15).

Motta, com base na sua experiência, nos chama atenção para o risco em se fazer suposições sobre a origem de entidades cultuadas em religiões populares (1995). No entanto, em consonância com Augras, no que concerne ao nome, nos colocam que advém de Bombonjira, equivalente congo do Exu ioruba, que por assonância transformou-se em Pomba-gira, com as associações semânticas as quais popularmente conhecemos:

Não parece haver dúvidas que o nome de Pomba Gira resulta de um processo de dissimulação, que primeiro transforma Bombonjira em Bombagira, depois, em Pomba Gira, recuperando assim palavras que possam fazer sentido em português. Pois a “gira”, palavra de origem bantu (njila/njira, “rumo, caminho” segundo castro, 1938, p. 100) remetida ao português girar, é, como sabemos, a roda ritual da umbanda. E “pomba”, por sua vez, além de ave, designa também órgãos genitais, masculino no Nordeste e feminino no sul. Até no nome aparecem a ambigüidade e a referência sexual. (Augras: 1989, 25 e 26).

## **As Pombas-Giras Nos Terreiros Pesquisados**

Pomba-Gira Sete Saia, Pomba-Gira Cigana, Pomba-Gira Leviana, Pomba-Gira das Flores, Maria Padilha, Maria Molambo, Maria Navalha, Maria Quitéria, Tereza Légua, Cigana Esmeralda, Moça de Ganga, Rainha das Sete Encruzilhadas, Rosa Caveira, Chica Caveira, Chica Baiana, Princesa Linda, Surubita, Eraldina, Luziara. Dentre muitas outras, estas são os Exus femininos que, quando não observadas nas giras, foram citadas pelos pais-de-santo entrevistados ou por outros adeptos com quem tive oportunidade de conversar no decorrer da pesquisa de campo. Para eles, estas entidades são mulheres muito poderosas, vaidosas, alegres, festivas, amáveis. Amantes do luxo, da luxúria, o princípio do prazer. No entanto, muito perigosas, vingativas, com quem se deve ter muita cautela no tratar, pois diante da menor falta, o preço que se paga é muito alto.

Para dona Antônia Grande, mãe-de-santo do Centro de Umbanda Ogum Megê, as Pombas-Giras entram em qualquer tipo de magia, mas elas são mais apropriadas nos trabalhos de amor. Esta característica se dá pelo fato de em vida terem sido prostitutas,

mulheres muito exploradas pelos homens e discriminadas pela sociedade. Possuindo, dessa forma, uma vida muito difícil, “então o que elas querem mesmo é dá amor pras pessoas”. Ao indagar dona Antônia de que forma elas tiveram uma vida difícil, a informante através de um exemplo concreto nos presenteia com um aspecto da história da Prostituição em Sobral, na década de 1950:

nessa época ce sabe que se uma mulher se prostituía era capaz de ser queimada né, ninguém dava valor né, era como uma pessoa que tivesse uma, era como uma doença contagiosa, as pessoas não andava mais ela né, tinha que ter lá seu lugar certo de viver, so andava na hora, pelo meno quando eu cheguei aqui em Sobral mesmo em Sobral tinha hora certa das mulheres prostituta ir pro mercado, porque se passasse daquela hora a que pisasse no mercado ia presa, era, tinha isso (...) Nesse tempo que aqui, bianqui depois do seu Raimundo pra lá era um cabaré (...) seu Raimundo uma mercearia que tem biani na, no triângulo, no trilho ai (...) daí do seu Raimundo pra lá ate chegar lá, lá, até chegar lá naquele mercadinho da economia isso ai tudo era casa de prostituta (...) era zona, ali era uma zona. Então ali elas, elas moravam, tudim morava ai, mas tinha a hora de ir pra rua, ninguém se misturava com as família não (...) acho que talvez mais rigoroso tenha sido muito mais antes né? <sup>7</sup>

Para pai Gil, do Terreiro de Ogum e Exu, Ilê Axé de Obaluaê, nem todas as Pombas-Giras são prostitutas, elas são classificadas mulheres, e, assim como no plano material, existem Pombas-Giras de todas as qualidades: casadas, doutoras, juizas, médicas, prostitutas, ladras, viciadas, vagabundas. As Pombas-Giras prostitutas são as de rua, de encruzilhada, esquina, cabaré, cemitério, mercado. Vejamos uma corimba da Pomba-Gira Leviana:

Mais ó meu deus como é triste a tua sina  
Ó meu deus como é triste a tua sorte  
Bebendo de bar em bar, caindo pelas calçadas (bis)  
Teu travesseiro é uma pedra, tua cama é as calçadas  
Tua vida é beber, de bar em bar apaixonada  
É Pomba-Gira leviana, mulher das encruzilhada

Por estarem ligadas ao plano da rua caracterizam-se pelos mais degradados predicados. Nesta perspectiva podemos concordar com Birmam, quando afirma que contrário aos valores da casa, da família – afeto, relações de parentesco -, o domínio dos

---

<sup>7</sup> O endereço citado por dona Antônia atualmente corresponde à rua Joaquim Lopes, entre as ruas Jorn. Deolindo Barreto e a Cel. Monte Alverne.

Exus é a rua, - marginalidade, anonimato, relações impessoais -, por isso marginal e ambíguo. (1985)

Para o Sr. Pedro Cruz, pai-de-santo do Terreiro do Rei Tapinaré, a Pomba-Gira é uma moça formosa, de taberna, de orgia, que bebe, fuma e se diverte. Representa o império, o poder do ouro. Ao abordar a Pomba-Gira na hora da entrevista afirmou que eu era muito curioso, mas como gostava de “pessoa assim” me mostraria um livro. Nele pude encontrar noventa e seis nomes de Pombas-Giras, ao ler o da Pomba-Gira Pervertida perguntou-me o que seria a palavra pervertida, respondi apenas que pervertida é pervertida e pedi para que ele me dissesse o significado da palavra, pois naquele momento percebi que esta significava para ele um dos conceitos atribuídos as tais entidades, pois já havia lido alguns nomes que não possuíam nenhuma associação semântica à questão sexual. Ele de forma simples me respondeu: “é porque ela é de tudo”.

Através dos discursos dos pais-de-santo entrevistados, bem como na dinâmica dos rituais, a Pomba-Gira apresenta-se fundamentalmente como uma mulher fatal, e por mais que seja usada para variados fins e sejam salientados outros aspectos como o luxo, o êxito nos negócios, a abertura dos caminhos, é a questão sexual que é referida de forma mais contundente. Este aspecto é salientado por qualquer pessoa nos terreiros de Umbanda, seja qual for a sua posição na hierarquia. Embora em determinados contextos o caráter erótico da Pomba-Gira seja suavizado através de palavras como amor, carinho, flor, bem como a afirmação de que existem Pombas-Giras das mais variadas formas assim como as mulheres no plano material, são as referências ao universo da Prostituição que permeiam de forma quase unânime os discursos dos entrevistados e a performance da divindade no ritual. Contudo, podemos afirmar que o erotismo, beirando muitas vezes o pornográfico, é intrínseco a estas divindades.

Tais entidades tornaram-se tão populares no imaginário da cultura brasileira, que no cotidiano podemos observar com frequência referência a elas, mesmo por pessoas que nunca pisaram num terreiro de Umbanda. Estas referências estão ligadas a analogias entre mulheres sensuais – quando vestidas de forma “escandalosa”, ou possuidoras de um comportamento ardiloso - à Pomba-Gira. A visibilidade que estas entidades conquistaram no imaginário da nossa cultura pode ser observada, além do cotidiano, em produções

artísticas nacionais como a novela *Carmem*<sup>8</sup>, em que a personagem principal, uma jovem do subúrbio carioca faz um pacto com a Pomba-Gira, prometendo dedicação para com a tal em troca de poder de sedução sobre os homens. Na literatura, e na versão cinematográfica de “O Xangô de Baker Street” de autoria de Jô Soares, Sr. Watson, assistente do famoso detetive consagrado da literatura inglesa, Sherlock Holmes, ao visitar um terreiro é incorporado pela Pomba-Gira. Assim como também citadas em músicas, como “canibaile” de Guinga e Aldir Blanc, interpretada por Leila Pinheiro: “haraquiri, maracutáia, eu vou soltar a Pomba-Gira nessa praia” e “Moça Bonita” do Cearense Evaldo Golveia e Arthur Ramos, interpretada por Rita Ribeiro:

Uma rosa  
Cor de sangue, cintila  
Em sua mão  
Um sorriso  
Que nas sombras  
Não diz nem sim nem não  
Põe na boca a cigarrilha  
E mais se acende o olhar  
Que conhece o bem e o mal  
De quem quiser amar

De vermelho e negro  
O vestido à noite  
O mistério traz  
De colar de contas  
Brincos dourados  
A promessa faz  
Se é preciso ir  
Você pode ir  
Peça o que quiser  
Mas cuidado, amigo  
Ela é bonita  
Ela é mulher

E no canto da rua  
Zombando, zombando, zombando está

---

<sup>8</sup> Novela escrita por Gloria Perez e adaptada do conto “Carmem” de Prosper Mérimée, publicado pela primeira vez em 1845, na França. Roberto Motta nos revela que umas de suas maiores surpresas foi encontrar citada neste conto “uma entidade de “Camdomblé ou de Umbanda”, uma das mais populares Pombas-giras encontradas nos terreiros, Maria Padilha. Quisera ele, a princípio, acreditar que tal entidade fosse autenticamente fruto do imaginário brasileiro, igual a outras entidades como Zé Pelintra, Maria do Acáis, dentre tantos outros, sem “antepassados em mitologias européias, africanas ou ameríndias” (1995). O pesquisador sente-se, particularmente, orgulhoso pela descoberta. Compartilhado seus sentimentos com relação ao fabuloso achado, me sentiria mais do orgulhoso.

Ela é moça bonita  
Girando, girando, girando lá  
Ô girando lá oiê  
Ô girando lá oiá

Constatada a popularidade adquirida pela Pomba-Gira na cultura brasileira, fiz minhas primeiras reflexões acerca da relação das prostitutas com a Pomba-Gira. Partia do pressuposto de que, estando nossa personagem presente no imaginário de grande parte da população brasileira, conseqüentemente estaria presente de forma muito mais do que significativa no imaginário das prostitutas, tendo como argumento básico para esta afirmação, o fato de a Pomba-Gira representar ritualisticamente o arquétipo da prostituta. Além do mais, assim como existem diversos santos católicos para as mais variadas categorias, inclusive para a prostituição, com a diferença de que os santos católicos a partir de uma ética cristã não estão aptos a atenderem os desejos tidos como transgressores. Logo, as prostitutas, em atividade, por não possuírem um estilo de vida condizente com esta ética, requereriam o auxílio da divindade com a qual mais elas se identificassem, e que está apta, mediante os dispositivos necessários, a atender as suas solicitações por mais transgressoras que possam vir a ser, ou seja, a Pomba-Gira.

### **O imaginário.**

Correr riscos, uma das grandes peculiaridades do *métier* antropológico frente ao trabalho de campo. Transpor barreiras de valores, comportamentos, enfim, “os imponderáveis da vida real”. Experiências exaustivamente relatadas nas extensas etnografias clássicas e contemporâneas, as quais, geralmente delatam as condições em que foram colhidos os dados com o intuito de validar o caráter científico do texto etnográfico. Ao ressaltar este aspecto do trabalho antropológico objetiva-se chamar atenção para uma outra etapa, tão pertinente no que concerne à legitimação do trabalho como saber científico, os conceitos teóricos com os quais se “opta” trabalhar. Nesta perspectiva, diante das controvérsias ao longo da história do pensamento ocidental, desde os filósofos gregos até a contemporaneidade<sup>9</sup>, assumi o risco de trabalhar com o imaginário. Opção feita, risco

---

<sup>9</sup> Balandier – O Dédalo – 1999, pág. 108.

assumido, só me resta argumentar a utilização desta categoria do pensamento humano, no que concerne à Pomba-Gira no imaginário das prostitutas pesquisadas, bem como, a utilização deste imaginário como via de acesso à tentativa de compreensão da relação travada entre as prostitutas e a Pomba-Gira.

Ao se pesquisar o imaginário das prostitutas no que concerne especificamente à Pomba-Gira, procurei capturar e compreender através das imagens da narração oral - não restringindo imagem a sua expressão iconográfica - que tipo de concepções tais prostitutas elaboram sobre a entidade, qual a relação travada entre elas e que fatores permeiam esta relação. Ratifico que a utilização do imaginário pressupõe o que entendo acerca desta categoria, contrária à razão sofista, cartesiana, onde o que apenas tem sentido são os fatos, fundamentados na percepção, fruto da observação e experimentação. Nesta perspectiva, o que procurei e estimei através das entrevistas, não foi um discurso racional, retórico, eivado de elaborações catedráticas, e sim um discurso que ultrapassasse os limites do pensamento racional.

Sandra Jataí, citando Le Goff, diz que:

A estratégia da abordagem conceitual poderia começar com a noção de representação. Representação diz Le Goff, é tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. (1995: 15)

Penso nesta abordagem como a mais adequada, pois nos terreiros, o grande capital simbólico se constitui na articulação das imagens estáticas – estátuas das entidades, congá -, e dinâmicas – performance das entidades quando incorporadas nos médiuns, numa encenação onde o que impera é a linguagem corporal expressa através de coreografias, revelando, através de símbolos que se constituem em imagens e discursos, as linhas às quais as entidades pertencem. Estas imagens são absorvidas pelo povo-de-santo e adeptos, não através de uma razão científica, mas através de um tipo de pensamento, onde a ética do aqui e agora inerente às religiões de matriz africana, fundamentada na realização das necessidades prementes e dos desejos individuais, caracteriza este universo pelo seu caráter extremamente subjetivo, dando vazio a um tipo de pensamento não limitado, onde o



racionalmente impossível é possível, quando o inatingível é atingível, quando o intocável é tocável. Dessa forma, o imaginário para mim não se configura como um escamoteador da realidade, mas uma categoria que abre possibilidades de se apreender a realidade de forma muito mais plural, na perspectiva de que as imagens, os sonhos, intenções, aspirações, desejos, devaneios também constituem, guiam, dão sentido às ações dos indivíduos. Destarte, os fatos sociais, pequenos recortes da “realidade” estudados por nós que nos propomos a fazer Ciências Sociais, não se esgotam nas ações correntes e concretas que os indivíduos exercem no cotidiano<sup>10</sup>.

Portanto, compreende-se o imaginário a partir da noção de representação, expresso através de imagens-idéias que pretendem dar significado à realidade. Logo, a noção de representação nos remete às elaborações mentais que os indivíduos fazem do real, não se configurando tais elaborações à realidade propriamente dita, mas uma leitura que os indivíduos fazem do que lhes é exterior a partir das suas experiências, do seu capital cultural, do que lhes foi “introjetado” ao longo da sua existência pela sociedade. Deste modo, “o real é, ao mesmo tempo, concretude e representação”. Contudo, tais elaborações estão conectadas às estruturas simbólicas instituídas, não estando o indivíduo totalmente à mercê das influências do sistema cultural ao qual pertence<sup>11</sup>.

## **O Imaginário das Prostitutas.**

A Pomba-Gira é hoje no Brasil, sem sombra de dúvidas, ao lado de Iemanjá<sup>12</sup>, uma das entidades mais populares do universo umbandista. Como já salientado, mesmo as pessoas que não detêm um conhecimento mítico e ritual da Umbanda, possuem algum tipo de referência sobre a entidade. Estas referências não necessariamente estão ligadas ao

---

<sup>10</sup> Lugar onde se realizam as interações entre os atores sociais.

<sup>11</sup> Carvalho, em análise às contribuições de Castoriadis à Filosofia Política e Social Contemporânea, corroborando com a discussão acima, nos diz que “não podemos compreender uma sociedade sem um fator unificante, que fornece um conteúdo significativo e o liga às estruturas simbólicas. Este fator não é o “real”, pois cada sociedade constitui o “seu” real que se, por um lado, não é totalmente arbitrário, por outro lado não é totalmente racional. Existe um “sentido” que aparece desde as origens, que não coincide com o “real”, nem com o racional. Que nem é verdadeiro nem é falso, mas pertence a ordem da “significação”, criação do imaginário. O mundo humano não é um mundo de coisas, mas de significações.” (1998: 18)

<sup>12</sup> Sobre o culto a Iemanjá no Brasil ver Vallado - Iemanjá a Grande Mãe Africana do Brasil – 2002.

Segundo o referido autor, na Umbanda é prestado um culto especial à Pomba-Gira. “Prostituta, é personagem antagonico à grande mãe, da qual seria, como mulher, a outra face. Na Umbanda, sobretudo nas festas públicas, dificilmente se deixa de fazer referência à Pomba-Gira, quando se cultua Iemanjá.” (2002: 192)

universo da Prostituição, no entanto, estão relacionadas ao universo feminino, na maioria das vezes ao poder de manipulação da sensualidade/sexualidade em função da conquista dos parceiros desejados.

Para as prostitutas pesquisadas, as imagens que exteriorizam sobre a Pomba-Gira não estão distintas da maioria das pessoas, nem muito menos de sua essência, como vimos a partir das falas dos pais-de-santo entrevistados, até mesmo porque estando tais prostitutas já familiarizadas ao universo mítico e ritual da Umbanda, não estariam livres de representá-la de acordo com as concepções dos umbandistas. Estas primeiras conclusões me preocuparam, pois não teria relevância nenhuma descrever, a partir dos discursos das prostitutas, o que já exaustivamente fora relatado pelos umbandistas. No entanto, a Pomba-Gira no imaginário das prostitutas nos confirma o caráter axiomático da abordagem antropológica, “segundo a qual o homem não pensa isoladamente, mas através de categorias engendradas pela vida social”.(Oliveira, 1976: 33)

Portanto, as imagens que as prostitutas elaboram sobre a Pomba-Gira não estão livres das concepções umbandistas, entretanto, as “traduções” que fazem da personagem, estão intimamente relacionadas às suas trajetórias de vida enquanto pertencentes ao universo da Prostituição. Para tanto, diríamos que há uma imagem matriz da Pomba-Gira e diversas imagens construídas a partir desta matriz, resignificadas dentro dos sistemas de significados de quem a elabora<sup>13</sup>.

Tendo como parâmetro as afirmações acima, a Pomba-Gira, no que concerne à sua imagem icônica, elaborada pelas prostitutas, nos remete à imagem da mulher bela e extravagante, de cabelos longos, vestida de vermelho e preto:

É uma mulher muito bonita, não é muito alta e nem baixa, cabelos longos, gosta muito de vermelho e preto. (Maria Padilha)<sup>14</sup>

É uma mulher muito bonita, cabelos longos. (Maria Navalha)

---

<sup>13</sup> Tenho como parâmetro para esta afirmação minha própria experiência como pesquisador. Para mim a pomba-gira é uma entidade do panteão umbandista com todas as suas atribuições míticas e rituais, mas que se configura principalmente como “objeto” de estudo. Confesso que em alguns momentos difíceis no decorrer da pesquisa de campo e escrita, mesmo com certa resistência, meus pensamentos voltaram-se para lhe rogar ajuda, mas nunca passaram disto. Para você leitor, quem é a Pomba-Gira? O que ela representa para você? São perguntas que podem servir de parâmetro para se confirmar o que se pretende acima.

<sup>14</sup> Para não colocar em risco as identidades das prostitutas pesquisadas substituí os seus nomes pelos nomes de seis Pombas-Giras do universo religioso pesquisado.

(...) toda Pomba-Gira é um bicho entendeu? Ela aparece o que? tipo uma Medusa, sabe aquele filme? isso, só que os olhos dela é de anil. Tipo ouro. Bonita ela. (Maria Molambo)

eu sonhei com ela assim, imaginação, não sei se imaginação minha, foi besteira da minha cabeça. Mas eu já sonhei assim que ela era uma mulher bem bonita, assim do cabelo bem grande sabe? Eu imaginava tá entendendo? No sonho eu via que era uma mulher do cabelo, assim, bem grande, só usava vestido, um vestido bem bonito, bem longo, vermelho. As unhas bem bonita, ela toda linda. (...) Eu não sei se ela é realmente o que eu penso, mas pra mim eu já vi ela assim, toda assim de vestido vermelho, cabelão grande. (...) toda cheia de jóia, aquelas coisa de chamar atenção tá entendendo? (Maria Quitéria)

Apesar das prostitutas pesquisadas terem contato com a Umbanda desde crianças, no decorrer das entrevistas percebi que elas tinham uma certa dificuldade em exteriorizar a imagem icônica da Pomba-gira. As figurações que exteriorizaram estão estritamente relacionadas ao estereótipo da Pomba-Gira, limitadas pelas “representações cênicas” elaboradas pelos umbandistas. Algumas delas diante da dificuldade se justificavam dizendo que nunca haviam conversado sobre este assunto com ninguém. Talvez esta dificuldade em exteriorizar através da oralidade a imagem-figuração-estética, também se dê em função do caráter utilitarista da relação travada com a entidade. Entretanto, em função desta dificuldade, supriam o que de imediato eu as questionava com narrativas que explicitavam as prerrogativas psicológicas da entidade, suas preferências, seus domínios, que tipos de pedidos são feitos a elas e que dispositivos são necessários para que elas atendam aos pedidos rogados, bem como, de forma enfática e emotiva, a relação conflituosa travada entre elas e a entidade no cotidiano.

Já sabida a dificuldade em responder objetivamente às perguntas, conduzi as entrevistas de forma aberta, deixando-as discorrer livremente sobre suas concepções e experiências com a Pomba-Gira:

Ela é muito ruim, se você fizer alguma coisa com ela, ce pode esperar que ela lhe dar o troco, se você chegasse e oferecesse uma champanhe e uma jóia a ela, ela fazia tudo pra me destruir, não importava se eu era filha dela ou não, principalmente ela quando vem na linha de Exu, ela não respeita ninguém, ela não quer saber quem é. (Maria Padilha)

ela é uma pessoa pra mim maravilhosa, e ao mesmo tempo eu penso que ela é uma pessoa ruim, mas eu mereço que ela seja ruim comigo tá entendendo? Porque o que eu peço ela me ajuda, mas aí eu vou e... eu vacilo com ela né, porque ela me dá o que eu quero, aí eu vou e não dou o que ela quer, porque as coisa tem que ser trocada, não pode ser só eu querer ganhar, querer ganhar e você não. (...) Pra mim ela é uma pessoa maravilhosa, pra mim ela é tudo na minha vida pra mim, eu acho ela uma pessoa maravilhosa, ela é demais. (Maria Quitéria)

Eu sei que ela existe, existe pra fazer o bem, e existe pra fazer o mal também né. Depende o que você for querer pra usar ela. Agora eu uso ela, eu uso, preciso dela assim de uns trabalho com ela, mas não é negócio de maldade não. (Luziara)

É um santo que não representa o bem, mas ela representa o mal com certeza, com certeza, todo mundo sabe disso. Ela é golpista (Maria Navalha)

é uma pessoa que já viveu como nós, foi um se humano, entendeu? Só que ela é uma entidade né? Digamos, não como agente ser humano que morre e vai pra outro canto, ela não, ela foi pro encantamento né? (...) tipo um santo, mal comparação que deus me perdoe, mas ela é um santo, entendeu? (...) aqui na terra foi uma pessoa, uma mulher muito bonita, uma mulher muito cobiçada, uma mulher de sete homem, então ela não se contentava com um homem, por isso que ela é a mulher de sete homem, porque ela não ficava só com um homem, ela era tipo Lúcifer, danada, o cão, capeta, ela possuía os homem, ela dominava, por isso que hoje ela ta no encanto, entendeu? (Maria Molambo)

no passado, ela deve ter sido uma mulher muito bonita, muito chamativa né? E pegava todos os homens, gananciosa demais ai queria todos os homens, por isso que ela foi amaldiçoada. (Surubita)

É dessa forma que a Pomba-Gira é conhecida pelas prostitutas pesquisadas. Suas narrativas nos remetem à ambigüidade do Exu, ratificam os aspectos positivos e negativos atribuídos a estas entidades, entretanto, ao se referirem a esta peculiaridade de nossas personagens, externam as relações de proximidade que travam com a Pomba-Gira, suas negociações, satisfações e insatisfações em decorrência da ambigüidade, característica mais marcante dos Exus.

### **Reciprocidade: Dádivas Negociadas Entre Prostitutas E A Pomba-Gira.**

É através das negociações entre as prostitutas e a Pomba-Gira, aspecto assaz pontual nas suas narrativas, que de forma mais contundente, poderemos comprovar a

relação travada entre os atores aqui pesquisados, ratificar a afirmação de que as concepções que elaboram, bem como as experiências vivenciadas, estão intimamente relacionadas às suas trajetórias enquanto pertencentes ao universo da Prostituição. Ao trazer à baila as negociações travadas entre nossas personagens, não poderíamos deixar de mencionar o princípio da reciprocidade: dar, receber e retribuir. “Esse princípio rege as ações dos orixás com os homens e dos orixás entre si.” (Vallado, 2002: 29)

A relação que as prostitutas estabelecem ou que está estabelecida entre nossas personagens pelo princípio da reciprocidade está fundamentada na troca de dádivas. Para Marcel Mauss, na sua obra clássica, “Ensaio Sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas”, “as trocas e os contratos fazem-se sob a forma de presentes, teoricamente voluntários, mas na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos” (1974: 41). Entre as prostitutas e a Pomba-Gira os contratos e as trocas também fazem-se sob a forma de presentes, no entanto, não são teoricamente voluntários, são fundamentalmente dados e retribuídos mediante “contratos”, negociações explícitas, estabelecidas entre ambas as partes: “tu me dá isso que eu te dou aquilo”. Sobre a reciprocidade entre os homens e os deuses vejamos o que Mauss nos apresenta:

Um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram que contratar e que, por definição, ali estavam para contratar com eles foi, antes de tudo, o dos espíritos dos mortos e os deuses. Com efeito, são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo. Era com eles que era mais necessário trocar. Inversamente, porém, era com eles que era mais fácil e mais seguro trocar. (1974: 63)

Esse tipo de relação também pode ser observado na tradição do catolicismo popular, onde os adeptos negociam dádivas com os mais variados santos católicos, mediante o pagamento de promessas em contrapartida às dádivas alcançadas. Na sua maioria os pedidos estão relacionados à cura de enfermidades, ou mesmo, como no imaginário popular, pedidos de casamento a Santo Antônio - conhecido popularmente como santo casamenteiro -, sendo tradição colocá-lo de cabeça para baixo ou amarrá-lo, aprisionando-o em local fechado, só o “libertando” diante dos pedidos realizados, ou seja, das dádivas alcançadas. No caso da relação analisada aqui, as negociações possuem suas peculiaridades, relacionados à forma como os “contratos” são estabelecidos, que tipo de

dávivas são rogadas pelas prostitutas e com que tipo de contrapartida as prostitutas presenteiam a entidade:

Ela me dava o que eu queria, me dava bandeira, me dava o que eu queria fazer elas me ajudava e eu conseguia, qualquer tipo de coisa. (...) elas me pediam o que era necessário e eu dava, bebida, cigarro, champanhe, era isso. (...) eu tinha ela como se eu tivesse aqui contigo, ela tava todo tempo ao meu lado, se chegasse um cliente, ou se quando não tivesse nenhum cliente eu prometia pra ela uma bebida, o cigarro, jogava ali, derrepente começava a chegar home e eu começava a ganhar dinheiro. (Maria Padilha)

eu ofereço cerveja pra ela, eu ofereço vela, cigarro, eu dou jóia pra ela. (...) eu dava, dava perfume, eu dava presente pra ela. Porque sempre também tinha ponto que eu precisava muito dela, precisava e preciso (...) algum caso assim de algum homem, e que se torna difícil, afirmava pra ela e sempre ela trazia o que eu precisava, quer dizer sempre ela me agradava e eu sempre agradava a ela. (...) Com vela, cigarro, perfume, jóia, maquiagem, roupa. Olha, já cheguei assim, num terreiro assim de macumba, a Pomba-Gira já chegou, a rainha, ela chegou e “umbora beba um copinho comigo” nós duas sentada, conversando e bebendo. (Luziara)

eu chego pra ela assim e peço a coisa, ela vai e me dá. Aí quando eu vejo que ela alcança aquelas graças dela eu vou e dou em “drobo” né? Aquilo que ela precisa, sei lá... que ela quer, as vezes é assim uma cerveja, uma coisa (...) eu pedi, assim, que ela me desse, porque tem um cara aí que eu gosto né (...) Aí eu quero vê ele nos meus pés. (Maria Quitéria)

agente troca com ela alguma coisa, tipo assim me dê isso que eu lhe dou isso e ela dá, ai agente é obrigado a dar também. (...) Meia noite eu to cansada de quebrar cerveja nessa encruzilhada ai, que ela me dar o que eu peço<sup>15</sup>. (Maria Navalha)

É recorrente nos discursos das prostitutas entrevistadas os pedidos relacionados à conquista dos seus homens. Este aspecto possui dois desdobramentos: econômico, na medida em que nas horas de trabalho os homens configuram-se clientes, conseqüentemente aquisição de dinheiro, ou seja, bandeiras na linguagem das entidades; e sentimental, na medida em que as prostitutas, assim como os demais seres humanos, possuem desejos, promovendo determinados indivíduos em “objetos” das suas paixões. Ao

---

<sup>15</sup> O cabaré onde Maria Navalha trabalha e também reside, fica no andar superior da casa da madame. Está localizado numa esquina de um dos bairros da periferia de Sobral. No andar superior há uma área a céu aberto onde funciona o bar. É de lá que a prostituta atira as cervejas em oferecimento à Pomba-Gira.

entrevistar Luziara, quando conversávamos sobre de que forma, com que finalidades ela utilizava a Pomba-Gira, respondeu-me que a usava para coisas de mulher da vida:

Coisas minha mesmo, que é coisa de toda mulher da vida né? Toda mulher da vida é cheia de passa tempo, aí se apaixonou por um homem, aí aquele ali não liga mais, mas aí a gente vai atrás de descobrir uma foto, vai atrás de descobrir o nome dele. Depois que descobre o nome e uma foto, pronto. Esquece, aí faz de conta que nem conhece mais. Aí joga na mão da Pomba-Gira, com um tempo ele aparece, aparece! Olha a gente só assim, aí despensa, pra dar o troco né? mais sempre volta. (Luziara)

Concernente aos presentes ofertados à Pomba-Gira em contrapartida aos desejos alcançados das prostitutas, no geral, são artefatos da cultura material relacionados ao universo feminino, mais especificamente referentes à manipulação da estética: espelho, batom, esmalte, maquiagem, perfumes, colares, pulseiras, brincos, roupas nas cores preferidas da entidade: vermelho e preto; flores, como também, presentes relacionados ao universo dos Exus: bebidas alcoólicas: cachaça, cerveja, champanhe – na maioria das vezes cidra -; cigarros, cigarrilhas velas na cor vermelha e preta.

É Diferente da relação travada entre adeptos do catolicismo popular com seus santos devotos, em que a contrapartida às dádivas alcançadas, na maioria das vezes, pressupõe sacrifícios que de certa forma implicam na conduta moral dos indivíduos, embora que por tempo determinado: Andar com pedras na cabeça, descalços, fazer longas caminhadas a pé, pedir esmolas, não cortar mais os cabelos, usar roupas de uma só cor durante determinado tempo, deixar de fazer ou comer algo que dá muito prazer. Como pudemos observar, de acordo com a ética específica das religiões afro-brasileiras, das quais a Umbanda é fruto, quando onde o que interessa essencialmente é o correto oferecimento ritual, não importando as disposições interiores dos devotos, suas opções éticas ou morais” (1995:173), o que está em jogo e fundamenta as trocas-dádivas das prostitutas para com a Pomba-Gira são os artefatos da cultura material.

Embora as prostitutas negociem, demonstrem afeição e sintam-se felizes em ter a Pomba-Gira como suas protetoras, “mães”, “madrinhas”, conscientes da personalidade ambígua e traiçoeira, já ressabiadas das dádivas obtidas e em alguns casos subtraídas pela própria entidade, relacionam-se com ela de forma direta, ativa, muitas vezes não a presenteando mais com antecedência e sim, somente após os desejos alcançados.

Entretanto, dádiva alcançada e não retribuída desperta a personalidade vingativa da entidade, revelada através de castigos para os seus devedores. Vejamos o que algumas das prostitutas entrevistadas tecem a esse respeito:

prometi também comprar a imagem dela né, no outro dia eu fiz programa e arrumei esse dinheiro todinho pra mim comprar a imagem dela (...) O que eu pedi a ela eu alcancei, aí eu não fiz. Aí quando foi no outro ia eu comecei a adoecer, uma febre, dor de cabeça, aí eu fui e vim lembrar (...) aí eu fui e senti, olhei pra parede assim, eu fui e senti, aquele cheiro de rosa, aquele cheiro dela todinho, que eu sinto, quando ela tá aproximando de mim assim eu sinto. Porque eu sou médium tá entendendo? (...) De vez enquanto eu pego, trabalho e tudo. De vez enquanto, que ela baixa na minha crôa. Aí eu me toquei logo né, que foi aquele negócio que eu fiz e não dei pra ela, gastei o dinheiro todinho. Ainda tô doente ainda, com uma dor na minha barriga que num... já fui no hospital, eu já fui na farmácia comprar remédio e não passa essa dor de jeito nenhum. Aí eu fui e melhorei, comprei as coisa toda e fiz minhas obrigação, ontem seis horas eu fiz tudo minhas obrigação. (Maria Quitéria)

a Pomba-Gira dá e tira, ela não é fiel, não é, que se ela fosse fiel nunca havia deixado fazer o que fizeram comigo, eu num sou filha!!! Mãe faz mal a uma filha ou num faz? de forma alguma, ela castiga! Possa até seja que ele me castigue né? (...) E também ó tem uma coisa, eu não falo mal dela, que ela não merece (...) porque na hora da angústia ela também me ajuda. (Maria Molambo)

ela é muito é falsa, interesseira, mas assim mesmo eu ainda tenho alguma coisa a ver com ela (...) antigamente eu dava tudo a ela, mas hoje em dia, é trocado, vai me dar, dou, pois então pegue. Ela é interesseira, interesseira mesmo. (Maria Navalha)

Para as prostitutas pesquisadas a Pomba-Gira detém o poder sobre alguns aspectos de suas vidas, é responsabilizada pelos seus comportamentos, inclusive pelo fato de elas se prostituírem. Este aspecto nos revela e ressalta o que temos tentado dar ênfase até o momento, a influência que a entidade exerce nos seus cotidianos:

Eu só fico com quem ela quer, tudo enquanto, se eu vou cortar o meu cabelo, pintar, cortar minha unhas, tem que pedir, chegar pra ela e pedir permissão. Eu não posso chegar assim de gaiato e cortar sem a permissão dela né? (...) ela castiga a pessoa que não faz o que ela quer, e tudo que eu vou fazer eu tenho que pedir permissão pra ela. Ele<sup>16</sup> quer que eu pinte meu cabelo de preto, eu não posso tão cedo, que eu não fui mais no

---

<sup>16</sup> Se refere a um homem com quem possui um envolvimento amoroso.



terreiro falar com ela, perguntar se eu posso pintar o meu cabelo. Agora no carnaval eu fui lá em Ubajara, eu fui num terreiro perguntar se eu podia pintar e ela disse que eu podia, que era no carnaval e eu queria brincar com o cabelo louro. Mais só que agora eu não posso pintar de preto, porque eu tenho parte com ela e tem que ir do jeito que ela quer né? (Maria Quitéria)

Era uma coisa que ela desde eu novinha ela já me acompanhava né? Ai devido eu ser média ela foi se aproximando, se aproximando e perguntou seu eu queria que ela fosse a minha mãe, minha mãe como? Era a minha protetora, então eu aceitei, até uns dois meses atrás que eu descobri o que ela fazia comigo, porque eu me cortava, eu fazia showzinho no meio da rua, não podia beber que eu botava aquele maior boneco (...) há muito tempo ela vinha me acompanhando e ela fazia o que? Ela me dava o que queria, mas eu não podia beber que ela se aproximava, eu me cortava, fazia show no meio da rua, qualquer lugar que eu tava botava os meus bonecos (...) quebrar copo na boca, engolir pedaço de vidro, so que não era eu, era ela, que ela se aproximava, ficava no meu corpo e pronto, ai quando era para poder tirar era o maior sacrifício. ( Maria Padilha)

Esse meu lado de prostituta não é de mim, porque eu sou filha dela, ela me possui, não é de mim, não é com minha vontade, eu não faço isso com minha vontade, eu faço isso porque ela me acompanha, porque ela diz que eu não sou mulher de um homem, e eu não fico fixo, não dou certo com homem nenhum, não duro com homem (...) ela que me possui, ela não me deixa ficar com ninguém, ela não me deixa ter um casamento. Eu fico, mas ela toma, entendeu? Ela toma, quer dizer, é por isso que as vezes eu quero me afastar, mas se eu me afastar é pior, toda vida que eu me afasto eu so falto morrer, falto morrer mesmo, fico desesperada querendo me suicidar, eu sinto que é ela. (Maria Molambo)

Eu quero é ver alguma garota de programa não ter nada a ver com ela (...) todas tem, todas são possuída por ela, como a minha história, eu não tô aqui porque eu quero, eu tô aqui por ela eu não vou mentir. É tipo aquela história, eu quero sair, como eu fui junta duas vezes, mas ela me traz (Maria Navalha)

Maria Molambo e Maria Navalha se prostituem no mesmo cabaré, por isso, tive a oportunidade de entrevistá-las no mesmo dia. Fui muito bem recebido pela madame que é freqüentadora de um terreiro e que também possui uma relação com a Pomba-Gira, mas se negou a ser entrevistada. Logo após as entrevistas, com o intuito de ficar mais um pouco no recinto aceitei o convite que me fizeram para almoçar, até então, conversando, pude observá-las enquanto faziam suas unhas, brincavam com um rapaz que pela intimidade com todos percebi ser íntimo do ambiente: a brincadeira se constituía em mimá-

lo, colocar a mão nos seus bolsos, sendo finalizada com um pedido sutil de dinheiro. Almoçamos juntos, abriram a possibilidade para eu voltar a entrevistá-las e até mesmo acompanhá-las a alguma eventual ida ao terreiro que freqüentavam. Quando já havia saído da casa, do lado de fora do portão Maria Navalha de súbito gritou, “tá vendo, até isso eu tenho que pedir a ela”. Referia-se a uma viagem de fim de ano que pretendia fazer para a capital do Ceará – Fortaleza.

Maria Padilha, Maria Molambo, Maria Navalha, Maria Quitéria, Surubita, Luziara, foram as prostitutas pesquisadas que em diferentes níveis possuem uma relação com a Pomba-Gira, de acordo com suas experiências de vida. Para elas, como pudemos observar, as Pombas-Giras são suas “mães”, madrinhas, protetoras, as “acompanham”. Senhoras dos seus destinos, são responsabilizadas pelas suas trajetórias, detém o poder sobre os seus desejos, sobre as suas conquistas, sobre os seus homens. Para Maria Molambo e Maria Quitéria ao relatar que já viram a entidade, citam o espelho como lugar da sua aparição, destarte, o espelho é aquilo que reflete imagens, dessa forma, poderíamos dizer que a Pomba-Gira é a própria imagem das prostitutas refletidas no espelho.

## **Bibliografia**

**AUGRAS**, Monique. De Yjá Mi a Pomba Gira: Transformações e Símbolos da Libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Meu Sinal Está no Seu Corpo**. São Paulo: EDICOM/EDUSP, 1ª ed. 1989.

**BALANDIER**, Georges. As Encruzilhadas do Imaginário. In: **O Dédalo**: Para Finalizar o Século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

**BASTIDE**, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: Contribuições a Uma Sociologia das Interpretações de Civilizações. Segundo Volume. São Paulo. Ed. da universidade de são Paulo. 1971.

**BIRMAN**, Patrícia. **O Que é Umbanda**. São Paulo: abril cultura/brasiliense, 1985.

**CARVALHO**, José Jackson Carneiro. Contribuições de Cornelius Castoriadis à filosofia social contemporânea. In: **Revista da UNIPÊ**. V.2, N.1, João Pessoa: 1998.

**MAUSS**, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Foram e Razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **sociologia e antropologia**. São Paulo, EPU, 1974.

**MOTTA**, Roberto. O Sexo e o Candomblé: Repressão e Simbolização. In: **PITTA**, Danielle Perin Rocha. Mello, Rita Maria Costa (orgs.). **Vertentes do Imaginário**. Recife: Editora universitária da UFPE, 1995.

**OLIVEIRA**, Roberto Cardoso. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo. Livraria Pioneira Editora, 1976.

**PESAVENTO**, Sandra Jataí. **Em Busca de uma Outra História**: Imaginando o Imaginário. In: Revista Brasileira de História. São Paulo. vol. 15, nº 29, 1999, pp 9-27.

**ROBERTS**, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

**SOARES**, Jô. **O Xangô de Beker Street**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**VALLADO**, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.